

Org. Johnny Lima

O Que Você Precisa Saber
Sobre A Igreja
Eclesiologia

Vol. 12



Ministério de Ensino

Yahweh

Este estudo foi organizado por Johnny Lima para aprofundar o conhecimento daqueles que querem entender sobre questões que dizem respeito às coisas de Deus, isto é, um guia de estudo para todos aqueles que querem conhecer a verdade em Cristo.

No final dessa obra você encontrará na bibliografia as obras responsáveis pela criação deste guia, ou melhor, as fontes onde foram pesquisadas.



Índice

Introdução	5
Definição do termo “Igreja”	6
A Fundação da Igreja.....	7
O Fundamento da Igreja	8
O Que Descreve os Cristãos na Igreja	9
As Ilustrações da Igreja.....	10
As Ordenanças da Igreja	12
1) O batismo em água	13
Qual a Formula Para O batismo?	14
2) Ceia do Senhor	17
Como Celebrar a Ceia.....	17
Quais as Três Direções Que a Ceia nos leva a Olhar?.....	18
A Obra da Igreja	19
A Organização da Igreja	20
Organismo da Igreja.....	22
O Ministério da Igreja.....	23
O Ministério Geral e Profético.....	23
O Ministério Local e Prático.....	25
Conclusão.....	27
Bibliografia	29

Introdução

A igreja é um projeto de Deus. A existência duma sociedade de seus seguidores que daria aos homens seu evangelho e ministraria à humanidade no seu Espírito.

Jesus não modelou nenhuma organização e nenhum plano de governo para essa sociedade, pelo contrário, Ele fez algo mais grandioso do que tudo que existe no mundo.

Jesus formou essa sociedade de seus seguidores chamando-os a unirem-se a Ele, comunicando-lhes, durante o tempo em que esteve no mundo, tanto quanto fosse possível, de sua própria vida, de seu Espírito e de seu propósito. Ele prometeu continuar até ao fim do mundo concedendo sua vida à sua sociedade, à sua igreja.

Quem se une a igreja de Cristo, com certeza no futuro, receberá Dele o que foi prometido.

Organizado para estudo por

Johnny Lima

08/02/2018

Embu das Artes – SP

Johnny-lima-matosp@outlook.com

Prof. Johnny Lima



Definição do termo “Igreja”

Quando lemos no dicionário, pelo menos, temos dois significados ao termo *ekklesia*: Primeiro, “ajuntamento popular”; Segundo, “Igreja”. O primeiro significado é chamado profano, porque parte de uma ideia secular. O segundo significado “bíblico”, “eclesiástico”.

No Novo Testamento é apresentada duas explicações interessantes: Primeiro, Igreja como comunidade universal; Segundo, Congregação como comunidade local ou particular, com como comunidade doméstica.

Então entendemos segundo a Bíblia, que o termo igreja é uma palavra grega no Novo Testamento que é *ekklesia*, que significa “uma assembléia de chamados para fora”. O termo aplicar-se a: a) Todo o corpo de cristãos em uma cidade (At 11.22; 13.1). b) Uma congregação (1 Co 14.19,35; Rm 16.5). c) Todo corpo de crentes na terra (Ef 5.32).

A soteriologia (doutrina da salvação) está pois indissoluvelmente ligada à eclesiologia (doutrina da igreja).

Um Uso Clássico na antiguidade

O uso clássico do termo designa uma assembléia de cidadãos, convocados por um arauto; uma espécie de assembleia legislativa. Portanto, *ekklesia* era a assembleia legal, em uma cidade grega, formada de todos os que possuíam o direito de cidadania para tratar dos assuntos públicos. Eram pessoas literalmente chamada para fora da grande massa de povo que compunha o grosso da sociedade, - uma porção escolhida do povo, não o populacho, tampouco os estrangeiros.

Na versão grega do Antigo Testamento chamada *Septuaginta*, o termo *ekklesia* é a tradução usual do termo hebraico *Kahal* (O povo de Deus reunido em resposta ao chamado direto do Senhor), que denota a multidão inteira de qualquer povo, unidos pelos vínculos de uma sociedade, e constituindo uma República ou Estado. O termo pode ser definido como uma assembleia ou convocação do povo de Israel. Assim disse Moisés: “*Nenhum amonita ou moabita entrará na congregação (ekklesia) do Senhor*”.

O termo “ekklesia” aparece no Novo Testamento cerca de cento e quinze vezes. Destas, três se refere à congregação hebraica do Senhor; três outras vezes se referem à assembleia grega; e cento e dez à Igreja cristã.

A Fundação da Igreja

Israel é descrito como uma igreja no sentido de ser uma nação chamada dentre as outras nações a ser um povo de servos de Deus. (At 7.38) Quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, a palavra “congregação” (de Israel) foi traduzida “ekklesia” ou “Igreja”. Israel, pois, era a congregação, ou a igreja de Jeová. Depois de a igreja judaica o ter rejeitado, Cristo predisse a fundação duma nova congregação ou Igreja, uma instituição divina que continuaria sua obra na terra (Mt 16.18). Essa é a Igreja de Cristo.

A igreja de Cristo veio a existir, como igreja, no dia de Pentecoste, quando foi consagrada pela unção do Espírito. Assim como o tabernáculo foi construído e depois consagrado pela descida da glória divina (Ex 40.34), assim os primeiros membros da igreja foram congregados no cenáculo e consagrados como igreja pela descida do Espírito Santo.

Davi juntou os materiais para a construção do templo, mas a construção foi feita por seu sucessor, Salomão. Da mesma maneira, Jesus, durante seu ministério terreno, havia juntado os materiais da sua igreja, por assim dizer, mas o edifício foi erigido por seu sucessor, o Espírito Santo. Realmente, essa obra foi feita pelo Espírito, operando mediante os apóstolos que lançaram os fundamentos e edificaram a igreja por sua pregação, ensino e organização. Portanto, a igreja é descrita como sendo *“edificados sobre o fundamento dos apóstolos...”* (Ef 2.20). Assim Paulo fala da manifestação mística da Igreja, usando os seguintes termos: *“A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do Evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve ocul-*

to em Deus, que tudo criou; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor” (Ef 3.8-11). Assim entendemos que no plano de Deus, a igreja já existia muito antes que qualquer outra coisa viesse à existência, isso com base no sangue do Cordeiro que foi morto desde a fundação do Mundo (Ap 13.8).

O Fundamento da Igreja

A igreja Católica Romana considera o apóstolo Pedro como a pedra fundamental sobre a qual Cristo edificou a sua igreja. Para fundamentar esse ensino, apela, para a passagem de Mateus 16.16-19: “...*eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela...*”. Dessa, deriva o seguinte raciocínio: “Pedro é a rocha sobre a qual a igreja está edificada”. Mas está bem claro no texto que Pedro não é a pedra fundamental da igreja. O texto diz: “*tu és Pedro, e sobre esta pedra...*”. Jesus não disse: “*tu és Pedro, e sobre essa pedra...*”. Então podemos dizer: Pedro não é a pedra fundamental da igreja, porque está escrito: *tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja*. Jesus disse: “*esta pedra*” e não “*essa pedra*”. Quando um livro estar comigo, eu digo: “*este livro*”. Quando o livro estar com outra pessoa perto de mim, eu digo: “*esse livro*”. Neste caso quem é a pedra é Jesus e não Pedro. Se Jesus tivesse dito: “*tu és Pedro, e sobre essa pedra...*” Aí sim, seria Pedro a pedra fundamental da igreja, mas Jesus usou a palavra “**esta pedra**”, que se referia a Ele, Isto é, Jesus, esse sim, a pedra angular (Dn 2.34; Ef 2.20; At 4.11 cf Mc 12.10, 11) e se desejar leia ainda Romanos 2.20; 9.33; 1Co 10.4 e 1Pd 2.4. Pedro entendeu muito bem estas palavras de Jesus quando falou com ele e com os demais. Pedro sabia que Nosso Senhor não estava se referindo a ele, ou até mesmo a um outro apóstolo qualquer. Pedro entendeu e disse: A pedra é Cristo! “*Ele (Cristo) é a pedra que foi rejeitada por*

vós, edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina”(At 4.11; 1Pd 2.6-8).

No grego **Pedro** é **petros** (pequeno bloco rochoso, moveis, bem como a pedra pequenas, tais como a pedra de arremesso). **Pedra** é **petra** (rocha grande e firme). “Tu és **Pedro = petros** (pedra pequena) e sobre esta **pedra = petra** (pedra grande) edificarei minha igreja. Portanto, uma igreja sobre a qual as portas do inferno não prevaleceriam não poderia repousa sobre Pedro (pedra pequena), mas sim, sobre Jesus (pedra grande).

Todos os cristãos são **petros** (pequenos bloco rochosos e moveis). “Vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrificios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1Pd 2.5).

O Que Descreve os Cristãos na Igreja

1) **Irmãos**: A igreja é uma fraternidade ou comunidade ou comunhão espiritual, no qual foram abolidas todas as divisões que separam a humanidade. “*Não há grego nem judeu*” – a mais profunda de todas as divisões baseadas na história religiosa é vencida; “*não há grego nem bárbaro*” – a mais profunda de todas as divisões sociais e econômicas é vencida; “*não há macho nem fêmea*” – a mais profunda de todas as divisões humanas é vencida. (vide Cl 3.11; Gl 3.28).

2) **Crentes**: Os cristãos são chamados “crentes” porque sua doutrina característica é a fé no Senhor Jesus. Cremos que Jesus é o salvador da Humanidade.

3) **Santos**: São chamados de “santos” (literalmente “consagrados ou piedosos”), porque estão separados do mundo e dedicados a Deus. A palavra “santo” quer dizer separado.

4) **Os eleitos:** Refere-se a eles como “eleitos”, ou os “escolhidos”, porque Deus os escolheu para um ministério importante e um destino glorioso. Essa eleição não tem nada haver com a predestinação, pois se fosse, a predestinação seria um ato de maldade de Deus em duplo aspecto: **primeiro**, porque sacrificou o Seu Filho sem necessidade, já que os que iriam ser salvos estariam predestinados; **segundo** que, podendo salvar a todos, Deus não o quis, preferindo destinar milhões e milhões, por Sua expressa vontade, ao fogo do inferno (Lc 19.10; At 16.10; Rm 10.13; jd 23). **Invalida a perseverança:** Se uma vez salvo, a pessoa está salva para sempre, então o crente não tem mais nada a fazer, e a perseverança cristã é apenas figura de retórica (Mt 24.12,13; Cl 1.23; 1Tm 6.20,21; Rm 9.6; 1Jo 2.6-9; Hb 10.35-39; Ap 3.1-3).

5) **Discípulos:** São “discípulos” (literalmente “aprendizes”), porque estão sob preparação espiritual com instrutores inspirados por Cristo.

6) **Cristãos:** São “cristãos” porque sua religião gira em torno da pessoa de Cristo. “...*Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos*” (At 11.26).

7) **Os do caminho:** Nos dias primitivos muitas vezes conhecidos como “os do caminho”, porque viviam de acordo com uma maneira especial de viver (At 9.2). Caminho, termo originalmente de uso popular, mas agora tornado técnico, usado para denominar o movimento cristão.

As Ilustrações da Igreja

1) **O corpo de Cristo:** O Senhor Jesus Cristo deixou este mundo talvez dois mil anos atrás; entretanto, Ele ainda está no mundo. Com isso queremos dizer que sua presença se faz sentir por meio da igreja, a qual é seu corpo.

Antes de partir da terra, Cristo prometeu assumir esse novo corpo. Entretanto, usou outra ilustração: “*Eu sou a videira, vós as varas*” (Jô 15.5). A videira está incompleta sem as varas e as varas

nada são à parte da vida que flui da videira. Se Cristo há de ser conhecido pelo mundo, terá que ser mediante aqueles que tomam o seu nome e participam de sua vida. Na medida em que a igreja se tem mantido em contato com Cristo, sua cabeça, assim tem participado de sua vida e experiência. “qual Ele é, somos nós também neste mundo” (1Jo 4.17). Assim como Cristo foi denunciado como uma ameaça política e, finalmente, crucificado, assim também sua igreja, em muitos casos, tem sido crucificada (figurativamente falando) por governantes perseguidores. Com isso entendemos que o uso dessa ilustração faz lembrar que a igreja é um organismo e não meramente uma organização.

2) O templo de Deus: Um templo é um lugar em que Deus, que habita em toda parte (1Pd 2.5,6), se localiza a si mesmo em determinado lugar, onde seu povo o possa achar “em casa” (Ex 25.8; 1Rs 8.27), assim como Deus morou no tabernáculo e no templo, assim também vive, por seu Espírito, na igreja (Ef 2.21,22; 1Co 3.16,17) Neste templo espiritual os cristãos, como sacerdotes oferecem sacrifícios espirituais de oração, louvor e boas obras.

Esta metáfora está fundamentada nas referências do Antigo Testamento quanto à permanência de Deus entre o seu povo (Ex 25.8; Sl 132.13s; Is 12.6) no tabernáculo que abrigava a arca da aliança (Ex 25.8; Sl 25.8-22; 1Sm 4.21s) e mais tarde, no templo construído por Salomão (2Cr 7.1-3). Ficou, no entanto claramente reconhecido que nenhum santuário local seria suficiente para o Deus cuja presença enche a terra e o céu (2Cr 6.18; Sl 139.7-12).

O templo de Salomão foi destruído pelos invasores babilônicos em 587 a.C. Um segundo Templo, construído pelos exilados que voltaram (Ed 3), durou quase 500 anos e foi substituído pelo templo de Herodes. Nosso Senhor deixou implícito que o templo não era mais a habitação de Deus: “*Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei*” (Jo 2. 19), uma referência profunda ao templo do seu corpo (Jo 2.21). Ele também afirmou que o principal fator a ser considerado ao aproximar-se de Deus não é a localização geográfica, mas a atitude e disposição interiores (Jo 4.23). As palavras de Jesus quanto ao templo foram proféticas; ele foi destruído pelos romanos em 70 d.C. “...*Vês*

estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada” (Mc 13.1,2).

A ideia de que Deus habita entre o seu povo continua, pois o corpo de Jesus oferecido na cruz possibilitou a vinda do Espírito Santo; a igreja foi assim criada como o corpo de Cristo, o novo templo da presença de Deus. Cristo é, Ele mesmo, a pedra fundamental (1Co 3.11; Ef 2.20), em quem o povo de Deus é edificado como “santuário de Deus” (1Co 3.16) e “habitação de Deus no Espírito” (Ef 2.22). Isto será completado no futuro, na volta do senhor: “*Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles*” (Ap 21.3).

Esta imagem da igreja no seu sentido neotestamentário desenvolvido não aponta para edifícios feitos de tijolos, o que torna ainda mais lamentável a identificação comum de igreja com um prédio, por mais sagrada que sejam as suas programações ou sublime a sua arquitetura. Mas enfatiza a mutualidade da vida cristã, em que a experiência e o serviço de Deus são compreendidos e expressos mediante nossa identificação uns com os outros, como pedras vivas no templo único de Deus (1Pd 2.5).

3) A noiva de Cristo: Essa ilustração usada tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento para descrever a união e comunhão de Deus com seu povo (2Co 11.2; Ef 5.25-27; Ap 19.7; 21.2; 22.17). Mas devemos lembrar que é somente uma ilustração, e não se deve forçar sua interpretação. O propósito dum símbolo é apenas iluminar um determinado lado da verdade e não o de prover o fundamento para uma doutrina.

As Ordenanças da Igreja

Apesar de possuir ordenanças, a igreja não faz do ritualismo a sua alma e a sua vida. A essência do cristianismo é um novo relacio-

namento entre o homem e Deus, através do novo nascimento operado pelo Espírito Santo e pela palavra de Deus.

São duas as principais ordenanças dadas pelo Senhor Jesus Cristo à sua Igreja: O batismo em águas, e a celebração da Ceia do Senhor.

1) O batismo em água

A palavra “batizar”, usada na fórmula de Mateus 28.19,20 significa literalmente mergulhar ou imergir. Essa interpretação é confirmada por eruditos da língua grega e pelos historiadores da igreja. Mesmo eruditos pertencentes a igrejas que batizam por aspensão admitem que a imersão era o modo primitivo de batizar. Além disso, há razões para crer que para os judeus dos tempos apostólicos, o mandamento de ser “batizado” sugeria “batismo de prosélito”, que significava a conversão dum pagão ao judaísmo. O convertido estava de pé na água, até ao pescoço, enquanto era lida a lei, depois do que ele mesmo se submergia na água, como sinal de que fora purificado das contaminações do paganismo e que começara uma nova vida membro do povo da aliança.

De onde veio, então, a prática da aspensão e de derramar a água? Quando a igreja abandonou a simplicidade do Novo Testamento, e foi influenciada pelas idéias pagãs, atribuiu importância antibíblica ao batismo nas águas, o qual veio a ser considerado inteiramente essencial para alcançar a regeneração. Era, portanto, administrado aos enfermos e moribundos. Posto que a imersão não era possível em tais casos, o batismo era administrado por aspensão. Mais tarde, por causa da conveniência do método, este generalizou-se. Também, por causa da importância da ordenança, era permitido derramar a água quando não havia suficiente para praticar a imersão.

Não obstante, o modo bíblico e original é imersão, o qual corresponde ao significado simbólico do batismo, a saber, morte, sepultura e ressurreição (Rm 6. 1-4).

Qual a Formula Para O Batismo?

Há duas correntes em relação ao batismo em água: uns que batizam somente no nome de Jesus e outros que batizam em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A interpretação correta como fórmula é em Nome da Trindade.

Encontramos em At 2.38; 8.16; 10.48; 19.5. E em Romanos 6.3, semelhante frase, para se realizar o batismo somente em “nome de Jesus”. Estas passagens não representam a fórmula batismal, porém uma simples declaração afirmando que receberiam batismo as pessoas que reconheciam Jesus como Senhor e Cristo, isto é, na autoridade de Jesus eles seriam batizados, sem com isso anular a instrução dada por Jesus em Mateus 28.19.

De acordo com informações contemporâneas, os apóstolos formularam um conceito que, antes de alguém ser batizado com o Espírito Santo, somente era batizado em nome de Jesus e aqueles que já o tinha recebiam, eram então batizados em o nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Quando alguém era batizado em nome de Jesus, era então lembrado a ele imediatamente, que em breve seria selado com o selo da promessa de Deus feita a Cristo e relembrada por Ele e seus discípulos, completando assim aquela cerimônia. Mesmo havendo este pensamento, jamais devemos formular um ensinamento para batizar somente em nome de Jesus Cristo, pois isso contraria todo o ensinamento do Novo Testamento. Também podemos salientar que em At 2.38; 8.16; 10.48; 19.5, **é uma ordem e não uma fórmula**. Entretanto, mais seguro é seguir a fórmula original ensinada pelo próprio Jesus, quando disse: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”* (Mt 28.19). O batismo de Jesus seguiu esta regra por Ele ensinada. O Pai falou, o Espírito Santo desceu, enquanto que o Filho estava sendo batizado no Jordão (Mt 3. 16-17).

Também é importante conhecer a palavra “em” no grego que quer dizer “autoridade”, então quando a passagem diz “em Jesus” quer dizer na autoridade de Jesus as pessoas eram batizadas, isso é bem claro em 1Co 10.2 “*e todos foram batizados em Moisés*”(ERC). Claro que “em Moisés” é estar sob a autoridade de Moisés, mas se alguém insiste em dizer que batizar “em Jesus” é a fórmula para o batismo, porque não se batizam “em Moisés” como fórmula para o batismo? Então automaticamente o desconhecimento do “em” no grego, leva a pessoa a acreditar que “em Jesus” é a fórmula para o batismo, e já percebemos que não.

Então quando Paulo fala que Israel foi batizado no mar vermelho “em Moisés”, ele não se refere a uma fórmula que se pronunciou na ocasião; ele simplesmente quer dizer que, por causa da passagem milagrosa através do Mar Vermelho, os israelitas aceitaram Moisés como seu guia e mestre como enviado do céu. Da mesma maneira, ser batizado em nome de Jesus significa encomendar-se inteiramente a Ele como Salvador enviado do céu, e a aceitação de sua direção impõe a aceitação da fórmula dada por Jesus no livro de Mateus 28.19.

A tradução literal de At 2.38 é: “seja batizado *sobre* o nome de Jesus Cristo”.

Aqueles que são batizados em nome do trino Deus, por esse meio estão testificando que foram submergidos em comunhão espiritual com a Trindade. Desse modo pode-se dizer acerca deles: “*A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com vós todos*” (2Co 13.13).

Não há Substituição da Páscoa e Circuncisão Pela Ceia e o Batismo

Não podemos misturar as alianças no sentido de que uma foi substituída pela outra no sentido de estarem ligadas, isso causaria grande confusão para aqueles que não crêem em batismo de criança.

Acreditamos que a antiga aliança teve sua importância para a época, como também cremos que a nova aliança é importante para nós na dispensação da graça.

No Antigo Testamento, a circuncisão e a páscoa tiveram sua importância, porque foi o pacto que Deus fez com Abraão, e segundo a palavra do Senhor a criança ao oitavo dia era circuncidada (Gn 17.9-14; 21.4; Lv 12.3).

Ninguém podia participar da páscoa judaica sem antes passar pela circuncisão (Ex 12.43-48). Então podemos perceber que só uma pessoa que passava pela circuncisão podia participar da páscoa, caso contrário, não. Mas é necessário observar, que também as crianças ao oitavo dia de nascido era circuncidado, isso era obrigatório no meio do povo escolhido de Deus.

Existem alguns teólogos dizendo que houve uma substituição, o batismo ficou no lugar da circuncisão, e a ceia no lugar da páscoa, mas essa substituição é confusa, pois se acredito que houve realmente essa substituição, devo aceitar o batismo de criança. Você dirá: “mais criança não tem consciência do ato”. Realmente, como também a criança não tinha consciência do ato que acontecia a ela ao oitavo dia. Mas segundo o costume judaico, a fé dos pais garantia o ato aos seus filhos, mesmo que os mesmos não entendessem. Se vão substituir os atos da antiga aliança pela nova, devo batizar meu filho recém nascido, pois embora ele não entenda o ato, mas minha fé lhe garante a ação do ato nele. É exatamente isso que acontece quando fazemos a tal substituição no sentido de uma está ligada a outra. O que devemos crer é que a nova aliança é a que devemos viver, e que o batismo e a ceia estão ligadas a ela, e uma vez que o cristão reconhece Cristo Jesus como Salvador da sua vida, o mesmo será batizado tendo consciência do ato, porque é assim que funciona na nova aliança, diferente da antiga aliança, então concluímos, não batizamos crianças, porque a mesma não tem consciência do ato, ou do pecado.

2) Ceia do Senhor

Este segundo sacramento cristão, conhecido por diversos nomes, como Ceia do Senhor, eucaristia, comunhão, partir do pão, está fundamentado na Última Ceia quando, “*na noite em que foi traído*” (1Co 11.23). Jesus instituiu a ceia como uma ordenança continua entre seus discípulos. Um exame do material relevante parece apoiar a teoria de que a última ceia foi a tradicional refeição da Páscoa, que recebeu um novo significado da parte de Jesus.

“Isto é o meu corpo... Este é o cálice da nova aliança... Fazei isto em memória de mim” (Lc 22.19ss). Qualquer tentativa de identifica os elementos com a carne e sangue reais de Jesus, com base num suposto “é” no original (“este é o meu corpo”), é absolutamente injustificável. O outro extremo, entretanto, em que a ceia não passa de uma lembrança simbólica, é também desafiado por esta evidência, que implica em uma comunhão genuína com o Senhor em sua morte e não em uma simples lembrança intelectual (cf 1Co 10.16ss).

A Cada relato da ceia nos leva a pensar no fim dos tempos. Mateus e Marcos registram as palavras de Jesus, quando afirma que não beberá do fruto da videira até que o beba de novo no reino vindouro (Mt 26.29; Mc 14.25). Lucas registra o que Jesus diz aos discípulos no mesmo contexto: “*Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino*” (Lc 22.29s). Paulo acrescenta que a ceia deve ser celebrada “até que Ele venha” (1Co 11.26). Assim a ceia, no pensamento de Jesus, deveria ser celebrada como antecipação deliberada e consciente da plenitude do reino de Deus que estava para vir, “Ele acrescentou ao ‘adeus’ a frase ‘até logo’”.

Como Celebrar a Ceia

Como celebram, vai de igreja para igreja. Esperai uns pelos outros (1Co 11.33) não significa a maneira como se deve ceia, era simplesmente uma ordem de Paulo para aqueles que se antecipavam em relação a ceia, tomando para si sem se importar com seu irmão.

A ceia é um ato por demais solene, e quem o oficia precisa ter o pleno conhecimento bíblico acerca dele.

A direção do culto da ceia do Senhor requer o máximo de reverência. O oficiante deve cuidar de que todos os comungantes estejam total e devotadamente voltados para o ato, não permitindo que outros misteres alheios à ceia tenham lugar. Nunca se pode interromper a ceia com testemunhos, coletas de ofertas, anúncios de qualquer natureza, ou qualquer outro assunto, para que as atenções não sejam retiradas de tão sublime ato.

Somos, outrossim, admoestados sobre o modo como devemos participar da ceia do Senhor: “*Examine-se pois o homem a si mesmo...*” Portanto, erram clamorosamente aqueles que, ao invés de examinarem a si mesmo, ficam a investigar as outras pessoas.

Quais as Três Direções Que a Ceia nos leva a Olhar?

Em 1 Coríntios 11. 24,26,28 o apóstolo Paulo chama a atenção do comungante da ceia do Senhor, para três direções que essa cerimônia o leva a olhar:

1) O olhar retrospectivo

Como memorial, todas as vezes em que celebrarmos a ceia do Senhor, devemos fazê-lo com um olhar retrospectivo – em direção ao Calvário, onde o Senhor, com o seu próprio sangue, pagou o preço exigido pelo resgate de nossas almas. O calvário deve ser permanente o tema de nossas vidas!

2) O olhar introspectivo

Este é o olhar interior, pessoal, uma espécie de sondagem para saber como está a nossa vida diante do Senhor a quem celebramos quando participamos do pão e do vinho. Ela nos estimula a uma reflexão interior sobre os nossos passos na vida cristã.

3) O olhar expectativo

Finalmente, a ceia do Senhor é, também, um fator de esperança. Todas as vezes que dela participamos, nossa mente se volta para aquele glorioso dia quando nos assentaremos com o Senhor nas bodas do Cordeiro. O próprio Jesus Cristo assim se expressou: “*E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até aquele dia em que o beba de novo convosco no reino de meu pai*”(Mt 26.29). Paulo, em outras palavras, reiterou a mesma mensagem: “*...anunciais a morte do Senhor até que venha*”(1Co 11.26).

A Obra da Igreja

1) Pregar a salvação

A Obra da igreja é pregar o Evangelho a toda a criatura (Mt 28. 19,20), e explanar o plano da salvação tal qual é ensinado nas Escrituras. Cristo tornou acessível a salvação por provê-la; a igreja deve torná-la real por proclamá-la.

2) Prover meios de adoração

Israel possuía um sistema de adoração divinamente estabelecido, pelo qual se chegava a Deus em todas as necessidades e crise da vida. Assim também a igreja deve ser uma casa de oração para todos os povos, onde Deus é cultuado em adoração, oração e testemunho.

3) Prover comunhão religiosa

O homem é um ser social; ele anela comunhão e intercâmbio de amizade. É natural que ele se congregue com aqueles que participam dos mesmos interesses.

A igreja provê uma comunhão baseada na paternidade de Deus e no fato de ser Jesus o Senhor de todos. É uma fraternidade daqueles que participam duma experiência espiritual comum.

O calor dessa comunhão era uma das características notáveis da igreja primitiva. Num mundo governado pela máquina política do império romano, em que o individuo era praticamente ignorado, os homens anelavam uma comunhão onde pudessem livrar-se do senti-

mento de solidão e desamparo. Em tal mundo uma das características mais atraentes da igreja era o calor e a solidariedade da comunhão – comunhão em que todas as distinções terrenas eram eliminadas e os homens e mulheres tornavam-se irmãos e irmãs em Cristo.

4) Sustentar uma norma de conduta moral

A igreja é “a luz do mundo”, que afasta a ignorância moral; é o “sal da terra”, que a preserva da corrupção moral. A igreja deve ensinar aos homens como viver bem, e a maneira de se preparar para a morte. Deve proclamar o plano de Deus para regulamentar todas as esferas da vida e sua atividade. Contra as tendências para a corrupção da sociedade, deve ela levantar a sua voz de admoestação. Em todos os pontos de perigos deve colocar uma luz como sinal de perigo.

Uma coisa devemos deixar claro: “você que é a luz e o sal da terra e não a placa da sua igreja”. Somos enviados do Senhor.

A Organização da Igreja

Existem três formas distintas de igrejas, que se diferenciam entre si pelos princípios fundamentais de sua organização. Embora muitos grupos não se enquadrem exatamente em nenhum deles. Os grupos mais conhecidos são: Episcopal, Presbiteriana e Congregacional.

1) O sistema Episcopal

O sistema episcopal de organização da igreja consiste numa rija hierarquia, concentrando o poder eclesiástico no sacerdócio formado de três ordens de bispo, sacerdotes e diáconos. Essas três ordens formam uma espécie de governo sacerdotal. Esta forma é adotada pela Igreja Católica Romana, a Igreja da Inglaterra, a Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos, e a Igreja Metodista Episcopal. Nesta última os bispos se diferenciam dos presbíteros não como uma ordem distinta, mas somente por razões de funções. Em todas estas igrejas o poder principal está nas mãos do clero, que se constitui um corpo que